

# Representação literária de relações socioculturais desiguais de poder em *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector: uma análise crítica do discurso literário

pg 11-24

Lizandra Lima de Souza<sup>1</sup>

Maria Valdenia da Silva<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo constitui um estudo sobre *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, cujo objetivo é analisar como os sentidos sobre as relações socioculturais desiguais de poder são constituídos e reproduzidos por meio da construção discursiva das personagens, em especial Rodrigo e Macabéa. Para tanto, utilizaremos da Teoria Social do Discurso, uma abordagem da Análise de Discurso Crítica (ADC), concentrando-nos nos aportes teóricos de Fairclough (2001, 2003, 2003b), nos estudos sobre a construção da identidade nacional brasileira (FIORIN, 2009; OLIVEN, 2011) e sobre as opressões de gênero e classe (SAFFIOTI, 1976, 1987, 1999; BEAUVOIR, 1980a, 1980b). A análise da obra nos permite pensar a nossa forma de olhar para o outro, observando as relações desiguais de gênero e classe social.

**Palavras-chave:** Discurso; Ideologia; Representação; Desigualdade; A hora da estrela

## LITERARY REPRESENTATION OF SOCIOCULTURAL INEQUALITY AND POWER RELATIONS IN *THE HOUR OF THE STAR* BY CLARICE LISPECTOR: A CRITICAL ANALYSIS OF LITERARY DISCOURSE

## Abstract

The present paper is a study on *The hour of the star*, by Clarice Lispector, which it aims at analyzing how the senses on sociocultural inequality and power relations are constituted and reproduced through the characters' discursive construction, especially Rodrigo and Macabéa. Therefore, we will adopt, from the Social Theory of Discourse, an approach of Critical Discourse Analysis (CDA), using theoretical contributions such as Fairclough (2001, 2003, 2003b), the studies concerning the construction of Brazilian national identity (FIORIN, 2009; OLIVEN, 2011) and gender and class oppression (SAFFIOTI, 1976, 1987, 1999; BEAUVOIR, 1980a, 1980b). The narrative analysis allows us to reflect on the way we look at the other, taking into account inequality in social class and gender relations.

**Keywords:** Discourse; Ideology; Representation; Inequality; *The hour of the star*

<sup>1</sup> Mestranda do MIHL- Mestrado Interdisciplinar em História e Letras- Universidade Estadual do Ceará/Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central. Email: lizandralima10@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Letras. Professora do Curso de letras e do MIHL- Mestrado Interdisciplinar em História e Letras- Universidade Estadual do Ceará/Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central. Email: maria.valdenia@uece.br

## Introdução

*A hora da estrela*, último romance publicado em vida por Clarice Lispector, em 1977, alguns meses antes de sua morte, possibilitou à crítica literária especializada ler a representação da sociedade e cultura brasileira, como presente na composição literária da autora (MEDEIROS, 2011), que, até então, era reconhecida quase somente pelos aspectos metalinguísticos, subjetivo, introspectivo e/ou intimista, marcadamente presentes no universo ficcional de suas obras.

A obra, em um primeiro plano, aborda o conflito identitário e existencial do escritor Rodrigo S.M. na criação da protagonista de seu romance, Macabéa, uma jovem alagoana/nordestina pobre, órfã e retirante, caracterizada como uma mulher feia, alienada e solitária, personagem que sofre diferentes processos de exclusão social.

O conflito na composição de Macabéa e na escolha de seu destino pelo narrador ocorre, justamente, pelo confronto de identidades, posições sociais de classe, privilégios e desvantagens sociais existentes entre autor/narrador e personagem. Rodrigo, enquanto homem, médio burguês e intelectual, se vê diante de um impasse no momento de representar a figura de uma mulher pobre, uma realidade social diferente da sua. O confronto fica maior quando Rodrigo passa a se perceber também um marginalizado - simbolicamente - ao ser uma espécie de intelectual intermediário entre a classe média e a baixa: não é tão bem visto/aceito pelos de sua classe, todavia, não tem propriedade de fala concreta para representar os pobres e oprimidos, por conta de sua classe social privilegiada.

Em um segundo plano, é desenvolvida a história de Macabéa, entre outras personagens que, cada uma ao seu modo, vão representar, na história, diferentes aspectos da identidade nacional brasileira, dos brasileiros e/ou da sociedade brasileira de forma geral, se considerarmos que a

reflexão sobre a identidade que se constrói para o Brasil e para os brasileiros, opera diante de diferenças sociais pautadas em discurso de inclusão e exclusão social.

Diante disso, o presente artigo objetiva analisar como os sentidos sobre as relações socioculturais desiguais de poder - as quais estão vinculadas a uma representação de identidade nacional brasileira - são constituídos e reproduzidos por meio da construção discursiva das personagens (em especial Rodrigo e Macabéa) de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Para tanto, nós utilizaremos de propostas teórico-metodológicas da Teoria Social do Discurso, uma abordagem da Análise de Discurso Crítica (ADC), cunhada pelo linguista britânico Norman Fairclough, o qual se baseia em uma percepção da linguagem “como parte irredutível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.11).

Incluimos como base para a presente pesquisa, o arcabouço teórico-metodológico da ADC de perspectiva faircloughiana, sobre as relações entre linguagem, ideologia e sociedade, articulado com estudos sobre a construção da identidade nacional brasileira (FIORIN, 2009; OLIVEN, 2011) e sobre as opressões de gênero e classe (SAFFIOTTI, 1976, 1987, 1999; BEAUVOIR, 1980a, 1980b). Como categorias de análise específicas, elegemos para a análise das construções simbólicas ideológicas no(s) discurso(s), os modos gerais de operação da ideologia, elencados por Thompson (1995) e os três principais tipos de significados que atuam simultaneamente nos enunciados: o significado acional e gênero, o significado representacional e discurso e o significado identificacional e estilo (FAIRCLOUGH, 2003b; RESENDE; RAMALHO, 2006). Nossa pesquisa, portanto, enquadra-se no paradigma qualitativo, sendo um estudo exploratório, mais especificamente, de cunho bibliográfico e interdisciplinar.

## **Análise de discurso crítica e estudos de gênero, classe e representação social: diálogos pertinentes para uma análise crítica do discurso literário**

Muitas são as perspectivas e abordagens teórico-metodológicas que podemos assumir nos estudos da/sobre a linguagem. Conforme Orlandi:

Há muitas maneiras de se estudar a linguagem: concentrando a nossa atenção sobre a língua enquanto sistema de signos ou como sistema de regras formais, e temos a Linguística [SIC]; ou como normas do bem dizer, por exemplo, e temos a Gramática normativa. Além disso, a própria palavra gramática como a palavra língua podem significar coisas muito diferentes, por isso as gramáticas e a maneira de se estudar a língua são diferentes em diferentes épocas, em distintas tendências e em autores diversos (ORLANDI, 2001, p. 15).

Seguindo essa linha de pensamento, os estudiosos começaram a se interessar pelo estudo da linguagem de um modo particular, isto é, diferenciado da maneira trabalhada pela Linguística, o que, por sua vez, motivou o surgimento da Análise de Discurso, campo de estudos da linguagem (Linguística Aplicada) que nos interessa para desenvolver o embasamento central do presente artigo.

A Análise de Discurso não possui apenas uma perspectiva de estudos do discurso. Mussalim (2003, p. 113), sobre as correntes teóricas de referencial para os estudos do discurso, distingue uma Análise de Discurso de origem francesa, a qual mantém “uma relação privilegiada com a História, com os textos de arquivo, que emanam as instâncias institucionais” e uma Análise de Discurso de origem anglo-saxã, que privilegia a relação com a Sociologia.

A partir das filiações teóricas entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, em um espaço de questões criadas pela relação entre esses três domínios disciplinares, nos anos 60 do século XX, é que a AD se constituiu, usando alguns de seus embasamentos teóricos como referenciais, mesmo

que depois tenha questionado ou abandonado para seguir seus propósitos.

A Análise de Discurso Crítica possui uma abordagem transdisciplinar, pois provém da operacionalização de diversos estudos, dentre os quais, com base em Fairclough (2001), apontamos os de Foucault (2003), Bakhtin (1997, 2006) e de Thompson (1995), cujas abordagens a respeito do discurso, da ideologia e do poder, exerceram fortes influências sobre a ADC. É importante salientar, além disso, que existem diferentes abordagens críticas da linguagem, mas que “o expoente da ADC é reconhecido em Norman Fairclough, a ponto de se ter convencido chamar sua proposta teórico-metodológica, a Teoria Social do Discurso, de ADC” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.21), convenção que - por questões de enquadramento teórico-metodológico condizente com nossa proposta - manteremos neste trabalho, todavia, sem desconsiderar que os estudos em ADC não se limitam ao modelo de perspectiva faircloughiana.

Fundamentada em uma percepção da linguagem como prática social, a Teoria Social do Discurso tem vasto campo de aplicação “aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social, capaz de mapear relações entre os recursos linguísticos utilizados por atores sociais e grupos de atores e aspectos da rede de práticas em que a interação discursiva se insere” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.11).

Segundo Magalhães (2001, p. 11), apesar de a Teoria Social do Discurso de Fairclough ter em comum com a Escola Francesa de Análise de Discurso o modo de conceber o discurso, isto é, de adotá-lo como prática social, linguagem em uso, a abordagem faircloughiana é inovadora, porque se propõe a “examinar em profundidade não apenas o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também seu papel fundamental na transformação social”.

Ao usar o termo ‘discurso’, proponho

considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. (...) Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social. (...) O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90-91).

A perspectiva de ADC faircloughiana apresenta-nos um quadro teórico-metodológico que nos é pertinente para uma análise crítica do discurso literário de *A hora da estrela*, pois Fairclough operacionaliza conceitos e métodos para uma abordagem do discurso como prática social, o qual pode ser tanto um meio para a constituição e sustentação de estruturas sociais, essencialmente as de dominação-exploração, como também pode funcionar como um mecanismo de conscientização para transformação da sociedade, o que corrobora com o que vários estudiosos da literatura apontam sobre a função social do texto literário, que é produção artística e social (CANDIDO, 2000).

A literatura, desde suas origens, relaciona-se à função de “atuar sobre as mentes” (COELHO, 2000, p. 29), admitir isso não reduz a criação estética a um “veículo de ideologias”, mas considera que as criações artísticas são, antes de tudo, criações humanas, que não estão isentas de opções ideológicas que influenciam e são influenciadas pelos seus meios socioculturais de produção e recepção. Analisar como uma obra literária discursivamente tencionou representar a sociedade na qual circulou e/ou compreender ideologicamente valores e comportamentos que fundamentaram os processos históricos, sociais, culturais e políticos

que constituíram (e constituem) as sociedades ao longo dos tempos (COELHO, 2000).

Podemos considerar uma relação dialética de influências recíprocas entre a produção artística/literária e a sociedade: o meio social exerce influência sobre a arte/literatura, mas ela também exerce sobre ele. A produção artística é, dessa forma, social, pois depende da “ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais” (CANDIDO, 2000, p. 20).

Fairclough (2003b) operacionaliza as três macrofunções<sup>3</sup> que atuam simultaneamente nos textos propostos por Halliday (1991), considerando “uma articulação entre as macrofunções de Halliday e os conceitos de gênero, discurso e estilo, sugerindo, no lugar das funções da linguagem, três principais tipos de significado” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.59) que atuam simultaneamente nos enunciados. São eles, o significado acional e gênero, o significado representacional e discurso e o significado identificacional e estilo.

Por meio do significado acional e gênero, analisaremos em *A hora da estrela* como o discurso age sobre o mundo. A intertextualidade é a categoria base que elegemos para a análise das vozes e ideologias presentes nos discursos das personagens. Através do significado representacional e discurso analisaremos como este representa o mundo, para tanto, elegemos a análise de vocabulário e de algumas formas discursivas presentes em *A hora da estrela*. Por fim, com o significado identificacional e estilo, analisaremos como o mundo cria identidades

3 Função ideacional, função interpessoal e função textual. Cf. HALLIDAY, M. A. K. Context of situation. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R., (org.) Language, context, and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective. London: Oxford University Press. 1991, p. 3-28.

e como elas são reproduzidas, sustentadas e/ou negadas pelo/no discurso.

A noção de ideologia da ADC provém de estudos do sociólogo John Brookshire Thompson (1995), nos quais o autor recusa as concepções neutras de ideologia, as que desvinculam a ideologia a serviço dos interesses de determinados grupos hegemônicos, e apresenta um conceito negatizado de ideologia, pois esta, para o autor, é necessariamente hegemônica na medida em que contribui para a instauração e manutenção das relações sociais de dominação que legitimam a ordem social que privilegia indivíduos e grupos dominantes. Segundo Fairclough (1989), o funcionamento da ideologia torna-se mais eficaz quando ela age inconscientemente, isto é, de forma naturalizada/internalizada.

A ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível. Se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, de funcionar ideologicamente. (FAIRCLOUGH, 1989, p. 85 *apud* RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 22).

Em *Ideologia e cultura moderna*, Thompson (1995, p.81-90) considera que há no discurso construções simbólicas ideológicas que funcionam como mecanismos de estabelecimento e sustentação das relações sociais de dominação. Cinco modos gerais de operação da ideologia são elencados por ele: a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a reificação.

Por meio da legitimação, relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas ao serem representadas como legítimas, justas, defensíveis ou dignas de apoio. Através da dissimulação, relações de dominação são estabelecidas e sustentadas por meio de sua dissimulação, negação, ofuscação ou ocultação. Com a unificação, relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas

através da construção, em um plano simbólico, da unidade, isto é, da ideia de uma identidade coletiva padronizada. Na fragmentação, relações de dominação são estabelecidas e sustentadas através da segmentação, fragmentação ou desestabilização de grupos (oprimidos) que, se unidos, poderiam manter um obstáculo à manutenção do poder pelo grupo dominante. E, por fim, por meio da reificação as relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas através da representação de situações históricas temporais ou transitórias como sendo fixas, imutáveis, naturais e/ou permanentes.

Dessa forma, a abordagem de Thompson (1995, p.81-90) sobre as construções simbólicas ideológicas no discurso aliada ao arcabouço teórico-metodológico da ADC fornece instrumentos pertinentes para uma análise linguística dos discursos das personagens de *A hora da estrela* que são revestidos de ideologia.

Fiorin (2009, p.117), com base na proposta de Zilberberg e Fontanille, feita para evidenciar como as ideologias são constituídas nos discursos e através deles reproduzidas, aponta que “há culturas que se veem como unidade e outras, como mistura. O que significa que há dois mecanismos a regê-las: o princípio de exclusão e o princípio da participação”. Esses princípios, segundo o autor, instituem dois grandes regimes de funcionamento cultural, um pautado na cultura da exclusão/triagem, outro pautado na cultura da participação/mistura. No primeiro, há um confronto entre exclusivo e excluído, no segundo um cotejo entre igual e desigual. Vale ainda ressaltar que “as coisas no interior da cultura não são regidas sempre por um único princípio” (FIORIN, 2009, p. 122), logo, a depender de determinadas especificidades ideológicas, sociais, econômicas e políticas, um ou outro princípio poderá reger o funcionamento de cada cultura.

Em *A hora da estrela*, há uma identidade brasileira pautada na mistura e na diferença,

tratadas de forma hierarquizada nos processos sociais. A autora mostra uma sociedade e cultura brasileiras formada pela diferença, não tratadas de forma equânime, mas de modo a sustentar relações socioculturais desiguais de poder, desconstruindo o protótipo de uma identidade brasileira que, por ter em sua formação uma herança cultural diversificada, naturaliza a ideologia problemática de que o Brasil é um país liberal e agradável, sempre aberto, cordial e respeitoso diante das diferenças. Ideologia essa que camufla relações socioculturais de opressão e repressão no país. A este respeito, Fiorin (2009) destaca:

A cultura brasileira euforizou de tal modo a mistura que passou a considerar inexistentes as camadas reais da semiose onde opera o princípio da exclusão: por exemplo, nas relações raciais, de gênero, de orientação sexual etc. A identidade autodescrita do brasileiro é sempre a que é criada pelo princípio da participação, da mistura. Daí se descreve o brasileiro como alguém aberto, acolhedor, cordial, agradável, sempre pronto a dar um “jeitinho”. Ocultam-se o preconceito, a violência que perpassa as relações cotidianas etc. Enfim, esconde-se o que opera sob o princípio da triagem. (FIORIN, 2009, p. 124).

Não obstante de todas as conquistas históricas dos movimentos feministas a partir do século XIX, quando o feminismo ganhou força enquanto movimento social organizado e de massa, ainda hoje as mulheres lutam por equidade social, pautada em isonomia e justiça nas esferas econômicas, trabalhistas, políticas e culturais da sociedade. O feminismo, de forma genérica, é um movimento sociopolítico que busca uma sociedade livre do patriarcado, entendido aqui como o sistema social, cultural, político, econômico e ideológico de dominação-exploração da mulher pelo homem (SAFFIOTI, 1987).

Apesar de o termo feminismo ser geralmente usado no singular, a sua existência é plural, não existe um feminismo e uma forma de se pensar a luta das mulheres pela mudança de sua situação de opressão na sociedade, mas feminismos, movimentos heterogêneos e articulados de

mulheres, constituídos de diversos modos ideológicos e práticos de se pensar e agir diante da promoção de pautas a respeito dos direitos das mulheres, o que fica evidente com as suas mais variadas vertentes.

A vertente marxista do feminismo é a que nos interessa para a fundamentação do presente artigo, pois concebe a opressão de gênero interligada a outras opressões sociais, como a de classe e a étnica. Heleieth Saffioti (1934-2010) é um importante nome feminista que podemos citar como representativo dessa vertente no Brasil.

Em *A mulher na sociedade de classes* (1976), Saffioti analisa a situação da mulher no sistema capitalista e como não só a subordinação de gênero legitimada pelo patriarcado é motivadora da situação de opressão da mulher na sociedade, relacionando-se, portanto, com outras estruturas de dominação-exploração, como a de classe social.

Podemos apontar um diálogo pertinente entre ADC e teoria feminista ao considerarmos que o feminismo ou movimento feminista consiste em movimentos articulados por mulheres militantes cujas pautas são embasadas por teorias de gênero diversas que analisam o patriarcado e propõem seu fim para que, com isso, seja alcançada uma sociedade equânime, na qual o gênero não conceda privilégios para um grupo de indivíduos e desvantagens para outro(s).

Para Saffioti (1999), a manifestação primeira do conceito de gênero (como construção social) reside em *O Segundo Sexo*<sup>4</sup>, de Simone de Beauvoir, sobretudo em sua famosa frase: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980a,

4 Livro publicado originalmente em 1949, em que a escritora francesa busca desenvolver uma análise existencialista a respeito da “condição da mulher ocidental, isto é, de sua formação, situação e caráter, Simone de Beauvoir partede uma leitura ética das relações intersubjetivas que historicamente permitiram a constituição de códigos de feminilidade e que condicionam” (GUNELLA, 2004, p. 10) o status quo social. No Brasil, o livro foi publicado primeiramente em dois volumes, *O Segundo sexo - fatos e mitos* (1980b) é o volume 1 e *O Segundo Sexo - a experiência vivida* (1980a), do qual retiramos uma citação anteriormente, é o volume 2.

p. 9). De tal modo que, se o feminino é uma construção social, “é preciso aprender a ser mulher, uma vez que o feminino não é dado pela biologia, ou mais simplesmente pela anatomia” (SAFFIOTTI, 1999, p. 160).

Ao desnaturalizar o ser mulher, Simone de Beauvoir aponta para a construção social do feminino, recusando, assim, o que era dado como “destino biológico” para as mulheres. Sobre a autora, ALVES; PITANGUY destacam:

Simone de Beauvoir estuda a fundo o desenvolvimento psicológico da mulher e os condicionamentos que ela sofre durante o período de sua socialização, condicionamentos que, ao invés de integrá-la a seu sexo, tornam-na alienada, posto que é treinada para ser mero apêndice do homem. Para a autora, em nossa cultura é o homem que se afirma através de sua identificação com seu sexo, e esta autoafirmação, que o transforma em sujeito, é feita sobre a sua oposição com o sexo feminino, transformado em objeto, e visto através do sujeito. (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 52).

Macabéa pode representar as mulheres pobres e que estão fora do padrão social de beleza e que, por isso, sofrem discriminação de forma potencializada por sua situação de desvantagem social se agravar. A violência contra a mulher não se constitui somente na agressão física ou sexual, mas também em formas simbólicas legitimadas pela dominação masculina nas relações sociais entre os gêneros.

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está constituída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo- o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU, 2007, p.31).

A dominação masculina permeia as relações sexuais entre homens e mulheres de modo a cristalizar, por um lado, a objetificação e submissão feminina e, por outro, o poder do macho, o

que, conseqüentemente, sustenta socialmente a dominação e exploração feminina pelo homem (SAFFIOTTI, 1987), fato representado na relação “afetiva” que se estabelece entre Olímpico e Macabéa, como veremos na análise a seguir.

## **Retratos da sociedade e cultura brasileira em *A hora da estrela***

Em *A hora da estrela*, Clarice Lispector representa a cultura brasileira pautada em uma identidade da mistura, da diferença, ao representar as personagens com diferentes personalidades, ideologias, vivências e meios de sobrevivência na sociedade brasileira ao mesmo tempo em que também evidencia processos de triagem/exclusão (FIORIN, 2009), estes constituídos representados por meio dos diferentes processos de exclusão social sofridos, por exemplo, pela personagem Macabéa, devido ao sistema sociocultural desigual de gênero e classe.

A obra inicia abordando o conflito de identidade do escritor Rodrigo S.M., personagem narrador, na criação da protagonista de seu romance, Macabéa, uma jovem alagoana/nordestina pobre, órfã e retirante, caracterizada como uma mulher alienada, solitária e virgem (por ser lida como feia diante dos padrões de beleza socialmente impostos) que fora criada por uma tia beata carrasca após a morte de seus pais, quando tinha apenas dois anos.

A história assume o caráter de uma metanarrativa, na qual o narrador, em determinados momentos, pode representar Clarice Lispector (alter ego) revelando aos leitores seu processo de criação literária e seus conflitos internos e angústias diante da vida e da morte.

Apesar de, em *A hora da estrela*, a autora imprimir um caráter diferenciado na estrutura da narrativa, que é ter adotado um enredo com início, meio e fim, a história não segue uma estrutura linear: há constantes idas e vindas no tempo,

flashbacks revelando o passado, digressões, entre outras peculiaridades comuns à autora, tais como a construção de frases inconclusas e outros desvios da sintaxe tradicional e neologismos.

O conflito na criação de Macabéa e no destino a ser lhe dado por Rodrigo S.M. advém das diferenças de identidades, posições sociais de classe, privilégios e desvantagens sociais existentes entre autor e personagem. Rodrigo, enquanto homem, médio burguês e intelectual, se vê diante de um conflito consigo no momento de representar uma mulher pobre e alienada ao sistema.

Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descobro eu agora – eu também não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas. (LISPECTOR, 1997, p. 13-14).

No trecho acima, Rodrigo - Clarice Lispector – critica a deslegitimação da escrita feminina ao dizer que sua narrativa poderia “lacrimejar piegas” caso fosse escrita por uma mulher, um indício do motivo de a autora ter escolhido “se representar” na metanarrativa como sendo um personagem masculino. E como tal, Rodrigo é representado como privilegiado em comparação a sua personagem feminina, Macabéa, desde o direito à palavra até a sua posição de intelectual/escritor e de classe social privilegiada. É a partir desta perspectiva que Rodrigo, narrador-personagem, vai representar Macabéa, uma mulher que sofre diferentes tipos de exclusão social.

Rodrigo não tem piedade ao retratar Macabéa, pois, segundo ele, é um relato que deseja frio (LISPECTOR, 1997, p. 13): “Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzia-se a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim mas pelos

menos quero encontrar o mundo e seu Deus” (LISPECTOR, 1997, p 18).

O discurso masculino é dominante na narrativa, através dele, a imagem de Macabéa, reduzida a uma “cadela vadia”, vai sendo aos poucos construída. Através de digressões, Rodrigo, apesar de mencionar que irá falar da história da nordestina, em grande parte do espaço da narrativa, fala de si mesmo, se projeta como a personagem central nas primeiras páginas do romance. Considerando o significado acional operacionalizado por Fairclough (2003), o discurso masculino de Rodrigo S.M. age sobre Macabéa de modo a diminuir sua mulheridade e humanidade, por toda carga pejorativa e, por vezes, machista, que suas escolhas lexicais demonstram ao representar a nordestina, personagem silenciada no início da narrativa.

Segundo Resende (2005, p.31), a intertextualidade é “a combinação da voz de quem pronuncia um enunciado com outras vozes que lhe são articuladas”, ou seja, há na intertextualidade um diálogo de vozes constituído na articulação de discursos (re)construídos por diferentes sujeitos na interação verbal, falada ou escrita. Considerando a intertextualidade como categoria relacionada ao significado acional, a análise em um texto de quais vozes são incluídas e predominam e, ainda, quais são excluídas, é pertinente à medida que predominâncias e ausências são significativas na construção ideológica dos (e nos) discursos.

A caracterização inicial de Macabéa é construída e reproduzida pela voz masculina hegemônica na narrativa, tendo em vista que não há a presença da voz feminina no momento da apresentação na história. É o homem que representa, através do seu discurso, o mundo, agindo sobre ele de forma a legitimar uma negatividade em Macabéa e em sua humanidade. O discurso masculino está em aliança com o discurso patriarcal androcêntrico, no qual a voz e perspectivas de mundo masculinas são predominantes. A ausência da voz feminina

sobre si mesma no início da narrativa é, portanto, simbólica e ideológica, considerando que o silenciamento feminino é um dos mecanismos usados socialmente para naturalizar a ordem patriarcal se admitirmos a legitimação do discurso do homem sobre a mulher no patriarcado.

Ao negar ser um intelectual: “Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo” (LISPECTOR, 1997, p. 16), sendo um, por sua posição de homem escritor que, ao longo da narrativa, demonstra bastante conhecimento sociológico e cultural, Rodrigo, se nos ampararmos em Thompson (1995), tenta mascarar as relações de poder em seu discurso por meio da dissimulação ao tentar ocultar, camuflar ou obscurecer sua posição privilegiada de intelectual e sujeito de voz na história.

O fracasso de sua literatura faz com que Rodrigo se sinta um marginalizado, o que configura parte do conflito na criação de sua personagem, Macabéa, pois apesar de ele não ser tão bem aceito pelos de sua classe, o autor não tem propriedade de fala para representar os pobres e oprimidos por conta de seus privilégios de homem intelectual e de classe social privilegiada em comparação aos que tenta representar literariamente.

Rodrigo, apesar de sua consciência sociológica e de tentar fazer uma crítica à sociedade opressora, não tem total consciência da ideologia que o privilegia, o que faz com que ele reproduza, por vezes, discurso de ódio contra Macabéa.

(Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce obediente.). (LISPECTOR, 1997, p. 26)

O intelectual demonstra não ter consciência de todos os fatores sociais e ideológicos que fizeram a personagem ser e agir de modo a não subverter sua posição social desprivilegiada e subalterna.

A ideologia serve à classe dominante, existindo o interesse das hegemonias (THOMPSON, 1995), as quais criam modos ideológicos de operação social para sustentar as relações sociais desiguais de poder que as beneficiam. Segundo Fairclough (1989), o funcionamento da ideologia torna-se mais eficaz quando ela age inconscientemente, isto é, de forma naturalizada/internalizada. Macabéa possuía pouca escolarização, alienada ao sistema, a jovem não tinha acesso a bens culturais, intelectuais e materiais que a ajudassem a ter uma visão mais crítica da sociedade. Sua diversão era ouvir a “Rádio Relógio”, ela gostava de ouvir as “palavras diferentes” pronunciadas pelos locutores, apesar de desconhecer seus significados e/ou não saber o que fazer com as informações vagas e sem criticidade social ou política que ouvia, que a educassem a uma visão mais crítica de sua situação social desprivilegiada.

O significado representacional relaciona-se ao conceito de discurso como modo de representar o mundo social e, conseqüentemente, os atores sociais, suas crenças, costumes, modos de vida, grupos etc (FAIRCLOUGH, 2003). Quais partes do mundo são representadas? Como são representadas? Qual a representação dos atores sociais? Qual a relação estabelecida entre os discursos? São questionamentos que podemos levantar na análise relacionada a esse significado. Através do significado identificacional e estilo podemos analisar como a identidade das personagens é literariamente construída, reproduzida, negociada e/ou negada no discurso.

Rodrigo tenta representar a figura do pobre, ao fazer isso o escritor corrobora com ideologias que naturalizam, reificam e unificam a visão problemática que parte da sociedade tem a respeito das pessoas que ocupam um lugar de desvantagem nas relações sociais de poder, tendo em vista que ora o pobre é representado como alienado, ora

como desonesto (Olímpico) e obsessivo em mudar de classe social, fato representado pelo personagem Olímpico: nordestino e retirante como Macabéa, porém mau-caráter, assassino e ladrão, homem disposto a fazer de tudo para pertencer à classe social hegemônica.

Macabéa representa uma herança sociocultural brasileira relacionada à extrema miséria, à migração e a diferentes tipos de opressão e exclusão social e cultural, fato que a deixa, em parte, alheia de si e da sociedade. Segundo Rodrigo, a retirante nordestina ignorava até mesmo o motivo de ter se mudado do Sertão de Alagoas para o Rio de Janeiro, onde passou a morar numa pensão e a trabalhar como datilógrafa.

Elas nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço. No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto. Em Alagoas chamavam-se “panos”, diziam que vinham do fígado. Disfarçava os panos com grossa camada de pó branco e se ficava meio caída era melhor que o pardacento. Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava. De dia usava saia e blusa, de noite dormia de combinação. (...) Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio. (LISPECTOR, 1997, p. 27).

Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1980a, 1980b), trata, entre outras questões, da socialização feminina, dos condicionamentos repressivos que a mulher sofre até se integrar, ou melhor, se alienar ao seu sexo, considerando que os papéis sociais de gênero são distribuídos de modo a conferir às mulheres um lugar de subordinação nas relações sociais. Macabéa é fruto de uma socialização repressora, teve desde a infância uma educação rígida e opressora por parte da tia, religiosa fundamentalista que a agredia física e psicologicamente para fazê-la internalizar ideologias moralistas, o que fez Macabéa se alienar à própria mulheridade, esta concebida não pela feminilidade, mas pela identidade de gênero feminina. Segundo Rodrigo, “até mesmo o fato de

vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação” (LISPECTOR, 1997, p. 28).

O fato de Macabéa ser alheia a sua mulheridade não a torna isenta da opressão de gênero, pelo contrário, na medida em que a personagem foge dos padrões sociais de feminilidade e beleza feminina, ela sofre fortes processos de exclusão e invisibilização social. Macabéa é rejeitada pelos homens por ser socialmente lida como uma mulher feia, por não ter condições financeiras e nem ao menos uma personalidade atrativa. Macabéa representa as mulheres que são social e amorosamente excluídas, marginalizadas e abandonadas por conta de sua situação social/econômica.

Macabéa inicia um romance com Olímpico, porém logo é abandonada por ele, que viu em sua amiga Glória algumas vantagens sociais/econômicas que Macabéa não possuía para subir de classe: “Olímpico talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subproduto. Mas quando ele viu a colega da Macabéa, sentiu logo que ela tinha classe” (LISPECTOR, 1997, p. 59).

Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico. Além de ter uma grande vantagem que nordestino não podia desprezar. É que Glória lhe dissera, quando lhe fora apresentada por Macabéa: “sou carioca da gema!” Olímpico não entendeu o que significava “da gema” pois esta era uma gíria ainda do tempo de juventude do pai de Glória. O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país. Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade. (LISPECTOR, 1997, p. 59).

Glória representa o brasileiro miscigenado, de traços étnicos mistos advindos de uma mistura racial resultante da colonização: pele clara, porém com traços estéticos relacionados à identidade negra, como o cabelo crespo e o corpo

considerado “roliço”. Como vimos na citação acima, Olímpico viu em Glória “um material de boa qualidade”, expressão machista e misógina, que objetifica a mulher e a reduz a um produto de consumo masculino, ideologia em que opera a unificação (THOMPSON, 1995), modo de operação da ideologia internalizado por Olímpico que concebe as mulheres como sendo materiais de uso do homem, seja sexual (para procriação), seja de ascensão social: Glória tinha uma família estruturada, com mãe, pai (açougueiro) e comida em casa na hora certa, além de serem pertencentes ao “ambicionado clã do sul do país”.

A fragmentação atua enquanto modo de operacionalização da ideologia (THOMPSON, 1995) na forma como é apresentada pelo narrador a construção discursiva da relação entre Glória e Macabéa: “elas não eram amigas, apenas colegas” (LISPECTOR, 1997, p. 63). Durante muitos momentos, o narrador faz questão de acentuar na história as diferenças entre uma e outra, de modo, por vezes, a rivalizá-las, como quando ele sugere que Macabéa sentia inveja da colega ou quando constrói para Glória a imagem de uma mulher ardilosa na hora de conquistar o namorado da outra, fato esse contraditório se considerarmos que foi Olímpico quem decidiu terminar com Macabéa: não por ter sido seduzido por Glória ou por ela ter se apaixonado, mas por ter visto na moça privilégios que Macabéa não possuía para favorecê-lo.

Maca, porém, jamais disse frases, em primeiro lugar por ser de parca palavra. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz. Não se tratava de uma idiota mas tinha a felicidade pura dos idiotas. E também não prestava atenção em si mesma: ela não sabia. (...) Nada contou a Glória porque de um modo geral mentia: tinha vergonha da verdade. A mentira era tão mais decente. Achava que boa educação é saber mentir. Mentia também para si mesma em devaneio volátil na sua inveja da colega. Glória, por exemplo, era inventiva: Macabéa viu-a se despedir de Olímpico beijando a ponta dos próprios dedos e jogando o beijo no ar como se solta passarinho, o que Macabéa

nunca pensaria em fazer. (LISPECTOR, 1997, p. 63).

No patriarcado, um exemplo de fragmentação enquanto modo de operação da ideologia machista é o discurso que diz que “toda mulher é rival”, que por mais que convivam e troquem confidências ou sejam próximas, nunca são/serão amigas de verdade. Esse discurso “senso comum” foi se construindo culturalmente como um referencial de comportamento feminino para fazer com que as mulheres internalizem e aprendam, desde cedo, que elas são rivais e/ou que, ainda, necessitam disputar atenção de homens, mesmo os comprometidos com as próprias amigas. Macabéa não reage à colega não porque não tem senso de rivalidade, mas porque é construída como alguém que é alheia de si e dos outros.

Apesar de toda socialização repressora, situação de subalternidade social e de gênero e, provavelmente, étnica, já que a personagem é parda, não tendo privilégios de cor/etnia branca. Macabéa também demonstrava pequenas atitudes de resistência individual (não sistemática), as quais - apesar de serem ignoradas por Rodrigo que, por conta dos seus privilégios e identidades/vivências não conseguia enxergá-las - aparecem de forma significativa na narrativa como um grito abafado da personagem, como o fato de deixar de ir à igreja após a morte da tia, não tendo, dessa forma, internalizado os valores religiosos a ela impostas.

Macabéa, em outro momento da história, demonstrou não ser tão boba como queria nos convencer Rodrigo, ao decidir descansar um pouco as costas por um dia da dura jornada de trabalho como datilógrafa: a moça tinha dores nas costas, mas sabia que dizer isso não faria seu chefe crê-la e dispensá-la por um dia, decidiu, por isso, mentir para o patrão, dizendo que iria passar por um procedimento de extração de dente e que não poderia trabalhar no dia seguinte “porque arrancar

um dente era muito perigoso” (LISPECTOR, 1997, p. 41).

(...) E a mentira pegou. Às vezes só a mentira salva. Então, no dia seguinte, quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida. Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! Usufruí de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível, da vastidão do quarto sem as Marias. Arrumou, como pedido de favor, um pouco de café solúvel com a dona dos quartos, e, ainda como favor, pediu-lhe água fervendo, tomou tudo se lambendo e diante do espelho para nada perder de si mesma. Encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então não conhecia. Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou. Não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada. (LISPECTOR, 1997, p. 41-42).

Macabéa, nas páginas finais da narrativa, após ter vivenciado diferentes práticas sociais de exclusão, rejeição e preconceito, demonstra, ainda, o desejo místico de entender o que está acontecendo em sua vida e o que acontecerá em seu futuro, o que a vida lhe reserva e, a conselho de Glória, decide ir a uma cartomante para desvendar esses mistérios. Tal fato demonstra mais uma vez a visão deturpada da vivência de Macabéa que Rodrigo, “seu criador”, tinha: a jovem alagoana não era tão alheia de si como ele achava que fosse.

Na “consulta” à cartomante, Macabéa, que “nunca tinha tido coragem de ter esperança” (LISPECTOR, 1997, p. 76), começou a achar que “Jesus enfim prestava atenção nela” (LISPECTOR, 1997, p. 77): finalmente Macabéa começou a ter esperança na vida, enganada pelas previsões falaciosas de que ficaria rica, encontraria um bom homem e viveria um grande amor, conforme Madame Carlota.

Iludida e emocionada, Macabéa saiu “aos tropeços” da casa da cartomante, cheia de esperanças e sonhos: “Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro.

Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero” (LISPECTOR, 1997, p. 79). Infelizmente, Macabéa teve seu momento de plenitude interrompido por uma fatalidade: ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, fora atropelada por um Mercedes e morreria minutos depois, sem receber ajuda de seu algoz nem dos transeuntes ao seu redor, que paravam para “espiar”, mas não para ajudar, representando a individualidade e o egocentrismo dos indivíduos dos centros urbanos.

Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. Bateria com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito. (LISPECTOR, 1997, p. 80).

Segundo Rodrigo, Macabéa, ao morrer, o matou e, enfim, ficou “livre de si e de nós” (LISPECTOR, 1997, p. 80): a jovem nordestina, inconscientemente, fez de sua existência um aprendizado para a morte, que foi, para ela, “a hora da estrela”.

## Considerações finais

As hegemonias se consolidam através da dominação-exploração-subordinação de grupos oprimidos/em desvantagem social por grupos opressores/em vantagem social, o que se dá por meio das desigualdades sociais, políticas e econômicas que determinam os modos de organização social. Como vimos, está presente em *A hora da estrela* o embate entre o escritor e/ou intelectual brasileiro moderno e a situação de subordinação social, negligência governamental e opressão econômica de grande parte da população brasileira diante do sistema social desigual de classes,

que impõe diferentes meios de sobrevivência das pessoas na sociedade brasileira, evidenciado no referido romance de Clarice Lispector.

Através da utilização de temas sociais como desigualdade de classes e exclusão social, machismo, migração, alienação social, negligência política e governamental, entre outros, a narrativa clariciana pode nos fazer pensar a nossa forma de olhar para o outro: enxergamos o outro? Ou somente vemos o mais superficial? Macabéa é apresentada por Rodrigo inicialmente como uma mulher alienada, ignorante, alheia de si e da sociedade, mas, no decorrer da história, como analisamos, a personagem feminina, silenciada na narrativa pelo discurso masculino e, por vezes, elitista e machista de Rodrigo, demonstra pequenas atitudes de resistência ou de vontade de resistir a uma sociedade excludente que a colocava ao rés do chão por sua condição de mulher, “feia”, pobre e com pouca escolaridade.

Não almejamos, com o presente artigo, apontar todas as possibilidades de abordagens que se podem fazer numa perspectiva de análise de discurso crítica e de gênero/classe na análise de *A hora da estrela*, pois reconhecemos que ainda há muito a ser discutido, logo, é de extrema importância que outros estudos sejam feitos e/ou desenvolvidos. Procuramos sugerir possibilidades de uma abordagem analítica interdisciplinar, à luz da Teoria Social do Discurso, desenvolvida por Fairclough (2003b), relacionada aos estudos feministas, entre outros de cunho sociocultural, da referida obra de Clarice Lispector.

## Referências

- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. *O que é feminismo?* São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo – a experiência vivida*; tradução de Sérgio Millet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980a.
- \_\_\_\_\_. *O Segundo sexo – fatos e mitos*; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980b.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- COELHO, N.N. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Language and Power*. New York: Logman, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Language and Power*. New York: Longman, 2003b.
- FIORIN, J. L. A construção da identidade nacional brasileira. IN: *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1º sem. 2009.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2003.
- GUNELLA, E. J. *Ontologia e Ética n’O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir*. 2014. 92 f. Dissertação (Mestrado em...) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas São Paulo, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2014. Disponível em: <[http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posgraduacao/defesas/2014\\_mes/2014\\_mes\\_elis\\_joyce\\_gunella.pdf](http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posgraduacao/defesas/2014_mes/2014_mes_elis_joyce_gunella.pdf)>. Acesso em: 27 Dez. 2017.

- HALLIDAY, M. A. K. Context of situation. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R., (org.) *Language, context, and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective*. London: Oxford University Press. 1991, pp. 3-28.
- LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MAGALHÃES, I. Prefácio à edição brasileira. In: Fairclough, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001, pp. 11 - 13.
- MEDEIROS, V. L. C. Representações literárias e identidade brasileira. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 49, p. 85-96, jan./jun. 2011. Disponível em: <[seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/download/84/95](http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/download/84/95)>. Acesso em: 22 de DEZ. de 2017.
- MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- OLIVEN, R. G. Identidade nacional: construindo a brasilidade. IN: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Orgs.). *Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- RESENDE, V. M. *Literatura de Cordel no contexto do novo capitalismo: o discurso sobre a infância nas ruas*. 2005. 240f. Dissertação (Mestrado em Linguística) –, Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2005.
- SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.
- \_\_\_\_\_. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- \_\_\_\_\_. Primórdios do Conceito de Gênero. *Cadernos Pagu.*, v.12, p.157-164, 1999.
- THOMPSON, J.B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

**Submissão:** 27 de julho de 2018

**Aceite:** 18 de dezembro de 2018